

Jardim Velho é o local de eleição dos aficionados do jogo da Nintendo

Barcelos já ‘apanhou’ a febre do Pokémon Go

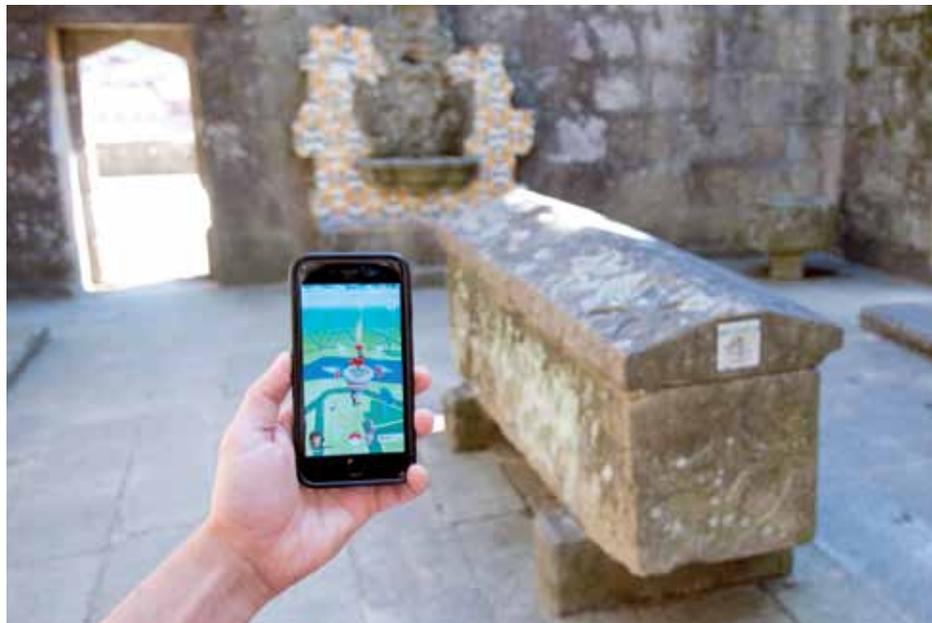
NUNO DANTAS

nunodantas@jornaldebarcelos.com.pt

É impossível ficar indiferente. A febre do Pokémon Go espalhou-se um pouco por todo mundo e Barcelos não é excepção. Basta dar uma volta pelo centro da cidade, para vermos pessoas de telemóvel na mão à procura dos Pokémons. Poucos são os que resistem a experimentar o jogo. Porém, esta espécie de geocaching virtual, esta caça ao tesouro – neste caso são pequenos animais –, está a chocar de frente com a realidade. Um pouco por todo o lado, surgem relatos de ‘loucuras’ cometidas à custa do jogo. A PSP e a GNR já lançaram, inclusive, alertas para consciencializar os jogadores dos perigos reais que enfrentam.

Para Nelson Zagalo, sociólogo na área das tecnologias e professor da Universidade do Minho (UM), o jogo não é perigoso. “Os perigos que existem e propalados são semelhantes aos dos SMS ou qualquer rede social, ou seja, falhas de atenção e encontros com pessoas não desejadas”, refere. O especialista vê ainda vantagens deste jogo, uma vez que proporciona “caminhadas em família”, para além de permitir a visita a locais históricos das cidades.

Mas, afinal, como se explica este fenómeno? “Um conjunto de variáveis convergentes, na altura certa, como praticamente todos os anteriores fenómenos virais”, diz o professor da UM e acrescenta: “Neste caso, temos, o valor nostálgico do Pokémon, temos o know-how da Niantic e o do seu anterior jogo Ingress, temos o valor familiaridade dos mapas e fotografias da Google, temos um verão sem aulas, com adolescentes plenos de tempo livre para explorar, e temos ainda o factor novidade da realidade aumentada que garante interesse por saber como funciona”. Por Barcelos, não há relatos de incidentes por causa do jogo, mas há, por exemplo,



FOTOS: Eduardo Morgado

uma agência de viagem a tentar fazer negócio: aluga bicicletas para andar à caça de Pokémons.

ASH E PIKACHU

Mas ninguém melhor para falar deste jogo do que os próprios utilizadores. O

JB quis saber junto de um deles o que diferencia este jogo dos outros. António Dias (*foto*) tem 27 anos e o interesse pelo Pokémon começou há quase 20. Para ele, este jogo é diferente, porque estão “obrigados a sair de casa e porque, ao contrário do que costuma

acontecer com a Nintendo, não é preciso comprar uma consola”. “Neste caso, toda a gente tem um smartphone e toda a gente o pode jogar sem gastar um tostão”, explica o jogador.

António Dias começou a jogar Pokémon no Game Boy e acompanhou to-

das as séries dos desenhos animados. O ‘anime’ conta a história de Ash, um miúdo de 10/11 anos, que sai de casa numa aventura para procurar Pokémon. “Os três iniciais, que o professor lhe ia dar, já não estavam disponíveis, e então só havia o Pikachu, criatura fofo, amarela e de bochechas vermelhas, que não queria ter dono e desobediência a toda a gente. Então desenvolveu-se uma amizade entre os dois”, revela António.

Por isso, a chegada do Pokémon Go trouxe um toque de nostalgia aos utilizadores mais velhos e, ao contrário do esperado, o jogo “neste momento não está a ser jogado por miúdos”. São os mais velhos, aqueles que cresceram com a série, os maiores entusiastas do Pokémon. “O jogo tem permitido rever amigos e fazer novas amizades”, salienta o jogador. O objectivo do jogo é “apanhá-los todos” e “todos” são, disponibilizados até ao momento, cerca de 150. “Os que apareceram até agora são os comuns, ainda faltam os lendários”, revela.

VÍCIO

Já ninguém tem dúvidas de que o jogo é viciante. Desde logo porque “o acto de coleccionar”, alerta Nelson Zagalo, “é algo muito enraizado na forma como vemos o mundo, ou seja, a necessidade de completar coi-

sas, que advém da função cognitiva base de completar padrões”. Por outro lado, o professor salienta que há ainda “a pressão social” – ‘se todos jogam, até o pivô do telejornal, eu também preciso de jogar’ – que leva a que muitos comecem a jogar.

O JB quis saber do que fala e fez o teste: instalou o jogo e foi para a rua procurar os pequenos animais. Rapidamente encontrámos os primeiros pokestops – local onde aparecem a maioria dos Pokémons e onde podemos apanhar pokebolas – bolas necessárias para apanhar os animais. E pudemos confirmar a força do jogo: qualquer local onde nos dirigíamos, encontrávamos sempre alguém à caça, a capturar os ‘monstros’.

Esses locais coincidem com monumentos e outros pontos históricos, tal como o Paço dos Condes, a Igreja Matriz, o Jardim das Barrocas, entre muitos outros, isto porque o jogo foi desenvolvido pela Niantic, que já tinha um jogo de exploração de cidades. Depois há os ginásios (o Templo do Senhor da Cruz é um deles), onde as equipas evoluem os Pokémons. Porém, o Jardim Velho [Campo 5 de Outubro] é o local de eleição para os jogadores de Pokémon Go, uma vez que é uma zona onde há vários pokestops e onde existem redes de wifi disponíveis – de cafés ou restaurantes das imediações. E, ao contrário do habitual, este local, que era frequentado pelos mais idosos, passou a ser poiso dos mais jovens. De dia e de noite.



Incidentes com o Pokémon Go

- 1- Atraídos para assalto: um grupo de quatro adolescentes armados, no Missouri, Estados Unidos, decidiu atacar jogadores e roubá-los enquanto jogavam;
- 2- Atropelada a atravessar auto-estrada: uma adolescente norte-americana, de 15 anos, foi atropelada ao atravessar uma auto-estrada para apanhar um Pokémon;
- 3- Caos no Central Park: o caos instalou-se no Central Park, em Nova Iorque, quando um Pokémon raro, o Vaporeon, apareceu numa zona do parque junto à estrada;
- 4- Perdeu a namorada: a namorada de um jovem norte-americano descobriu que vários dos monstros capturados pelo namorado foram apanhados perto da casa da ex-namorada;
- 5- Descobriu cadáver no rio: nos Estados Unidos, uma adolescente explorava uma zona de rio em busca de Pokémons aquáticos e acabou por encontrar um cadáver;
- 6- Estão em todo o lado: os utilizadores do jogo já se cruzaram com Pokémon em todo o tipo de sítios estranhos: casas de banho públicas, cemitérios, clubes de strip, sex shops, frigideiras, sanitas;
- 7- Caíram de um penhasco: dois jogadores, nos Estados Unidos, caíram de um penhasco de cerca de 25 metros, numa praia na cidade;
- 8- Acidentes: um motorista de Nova Iorque teve um acidente de carro quase fatal ao embater numa árvore; outro, bateu num carro de patrulha da polícia. Ambos jogavam Pokémon Go.